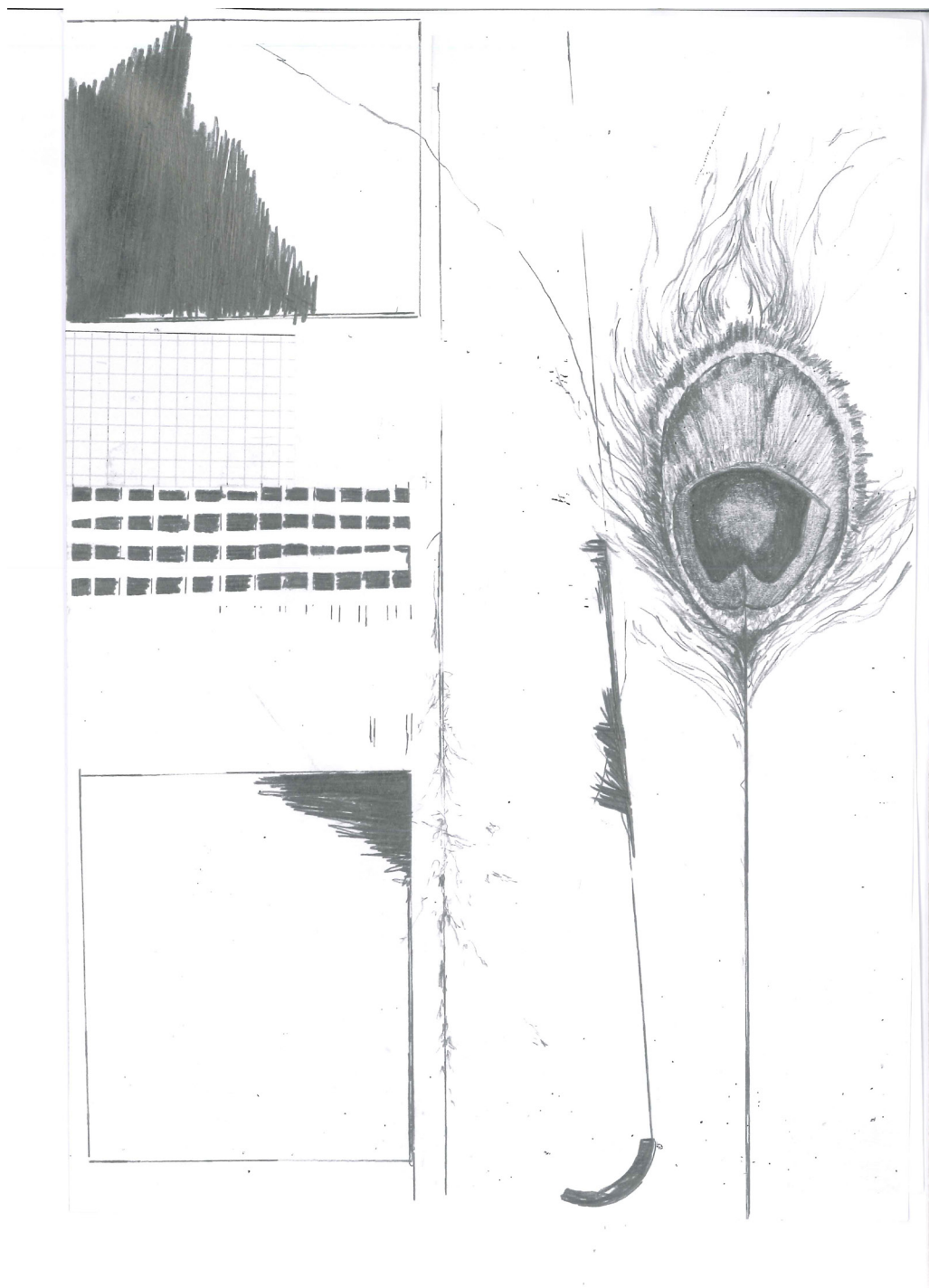




Escuro for rent

Estávamos de visita e Marina guiou-nos pela cidade. Fomos ao miradouro onde as filhas saltam à corda com as mãos que coxeiam de um pé de cada vez e por isso saltam sempre em alternado. Quando eu era criança, disse Marina, decifrando uma parede milenar, tinha saudades da minha mãe porque ela só voltava a casa quando era noite, coisa que aqui só acontece de seis em seis meses. Estamos na cidade da luz, basta ver a maneira como os tanques de guerra reflectem lá ao fundo o sol, estacionados junto ao cais dos cruzeiros. O escuro é uma coisa que tem valor por metro quadrado, e então aqui neste bairro, dos morangos de Marraquexe.

A cidade e o campo é a mesma coisa, disse Marina, em inglês, para nós entendermos, e nós dizíamos que sim. A cidade está encrustada no campo. As raízes estão por baixo das casas e às vezes as plantas despontam pelos lados. Às vezes há quadrados por aí de mata, onde nascem cenouras e cebolas e coentros. Custa ver isto, mas está lá. Nós procurávamos mas não víamos. Eu, pelo menos, não via. Mas uma de nós via. Eu vejo, disse Salomé. E nós ficámos a olhar para ela.

É preciso treinar nas letras, disse ela, olhar bem para elas. Vejam ali: ESCURO FOR RENT. É preciso ver letra a letra, sem ler. Como se não soubéssemos. Ler é ultrapassar as letras, mas às vezes é mesmo preciso parar e olhar para elas, sem as decifrar. Um é, um ésse, um cê, um u, um erre e um ó.

Oh, há coisas extraordinárias, disse Marianne, a sentir o ventinho que lhe dava no pescoço ali no miradouro. Por baixo do mar às vezes há areia molhada. Conheço duas gémeas que têm as duas o mesmo nome. No parque ali ao lado já destruíram os baloiços, agora só há muralhas, lindas.

É preciso olhar para as coisas, continuava Salomé, agora falando para David, que a ouvia com atenção. Ver o que está lá. Só assim é que consegues ver certas coisas na cidade. É preciso olhar mesmo para elas.

David concordou. David também gosta de levar as coisas de uma maneira, assim, mais literal. Uma vez estava um homem sentado num café e disse, batendo na mesa: eu nasci cá! David reagiu logo. Nasceste na mesa?

Eu aprendi a viver com pesadelos, disse Raffaello a Marina, que nos ia guiando pela cidade da luz. Continuo a tê-los mas não dou conta, penso noutras coisas. Uma vez sonhei que tinha sido comido por um tubarão, mas isso não era um pesadelo – acordei e não tinha caído da cama.

Nunca mais era noite, não tínhamos dinheiro para isso.

Lamento, aqui não há galos pretos, disse Marina.

Mas há pavões, olha ali um, disse Raffaello.

Sim, mas é branco e azul, disse David.

E depois? Retorquiui Raffaello.

E depois, nada, respondeu David.

E ainda tínhamos um avião para apanhar.

**Miguel Castro Caldas com David Vieira, Mariana Fróis, Marina Sousa Amado,
Salomé Sardinha, Rafael Lopes Francisco. Escola n.º 10 do Castelo.
Ilustração de Marta Caldas.**